

BHOPAL – A TRAGÉDIA



16-08-2000 - Bangalore (Índia)

15 Anos de Bhopal - Greenpeace lança campanha virtual de apoio às vítimas de acidente tóxico em sua luta por justiça

O Greenpeace lançou o site www.greenpeaceindia.org em apoio à luta dos sobreviventes do acidente tóxico na fábrica da Union Carbide em Bhopal (Índia) que há mais de 15 anos matou 16 mil pessoas e afetou a vida de cerca de 500 mil. No endereço, será possível enviar uma mensagem diretamente para a Union Carbide, com cópias para o governo indiano e para a Dow Química (atual controladora da empresa), exigindo a imediata limpeza da região onde está localizada a unidade agora abandonada e a indenização das vítimas.

A tragédia de Bhopal começou a ser desenhada na noite de 2 para 3 de dezembro de 1984, quando cerca de 50 mil toneladas de Metil-Isocianato e outros gases venenosos vazaram na unidade da Union Carbide. Nos dias e meses seguintes, um número estimado de 16 mil pessoas morreram e 120 mil pessoas continuam necessitando de cuidados médicos de emergência. Até hoje, as vítimas ainda esperam por justiça, compensação financeira, tratamento médico adequado e reabilitação econômica.

"A internet oferece uma oportunidade única para dizermos diretamente à Union Carbide e a sua atual controladora, Dow Química, que não vamos permitir que ela se esconda atrás do anonimato corporativo enquanto nós, os sobreviventes daquela tragédia, continuamos a morrer", diz Abdul Jabbar, uma das vítimas do gás mortal que agora dirige uma entidade de apoio aos sobreviventes. "A luta contra a Union Carbide e por justiça em Bhopal está cada vez mais forte e não vamos descansar enquanto a justiça não for feita."

BHOPAL – A TRAGÉDIA



O sofrimento das vítimas de Bhopal é agravado pela presença de várias toneladas de lixo tóxico que permanecem armazenados e expostos ao ambiente dentro da fábrica agora abandonada. Em 1999, um estudo científico do Greenpeace confirmou a presença no local de diversas substâncias altamente tóxicas, como o mercúrio e outros metais pesados, além de poluentes e pesticidas clorados. O estudo também analisou amostras dos lençóis freáticos de onde a população local retira a água de consumo e encontrou a presença de poluentes tóxicos, vários deles provocadores de câncer. (1)

Ainda este ano, a Union Carbide pretende fundir-se definitivamente com a Dow Química, a multinacional responsável pelo Agente Laranja, o desfolhante tóxico usado na Guerra do Vietnã. "Ao se fundir com os criadores do infame agente laranja, a Union Carbide não pode se esconder atrás do anonimato para fugir das pessoas cujas vidas arruinou", diz Nityanand Jayaraman, ativista da Campanha de Substâncias Tóxicas do Greenpeace na Índia. "Com a nossa ação virtual não apenas as vítimas de Bhopal podem pressionar a empresa, mas também qualquer pessoa ao redor do planeta poderá prestar sua solidariedade e ajudar na luta por justiça."

O pior desastre químico da história 1984 - 2004

Na madrugada entre dois e três de dezembro de 1984, 40 toneladas de gases letais vazaram da fábrica de agrotóxicos da Union Carbide Corporation, em Bhopal, Índia. Foi o maior desastre químico da história. Gases tóxicos como o isocianato de metila e o hidrocianeto escaparam de um tanque durante operações de rotina. Os precários dispositivos de segurança que deveriam evitar desastres como esse apresentavam problemas ou estavam desligados.

Estima-se que três dias após o desastre 8 mil pessoas já tinham morrido devido à exposição direta aos gases. A Union Carbide se

BHOPAL – A TRAGÉDIA



negou a fornecer informações detalhadas sobre a natureza dos contaminantes, e, como conseqüência, os médicos não tiveram condições de tratar adequadamente os indivíduos expostos. Mesmo hoje os sobreviventes do desastre e as agências de saúde da Índia ainda não conseguiram obter da Union Carbide e de seu novo dono, a Dow Química, informações sobre a composição dos gases que vazaram e seus efeitos na saúde. Infelizmente, a noite do desastre foi apenas o início de uma longa tragédia, cujos efeitos se estendem até hoje. A Union Carbide, dona da fábrica de agrotóxicos na época do vazamento dos gases, abandonou a área, deixando para trás uma grande quantidade de venenos perigosos. A empresa tentou se livrar da responsabilidade pelas mortes provocadas pelo desastre, pagando ao governo da Índia uma indenização irrisória face a gravidade da contaminação. Hoje, bem mais de 150.000 sobreviventes com doenças crônicas ainda necessitam de cuidados médicos, e uma segunda geração de crianças continua a sofrer os efeitos da herança tóxica deixada pela indústria.

O pior desastre químico da história

1984 - 2004 Assim como no caso dos atentados terroristas de 11 de setembro nos Estados Unidos, a morte de inocentes civis em Bhopal também chocou o mundo e provocou mudanças no comportamento da indústria. Depois desse desastre, a legislação ambiental e de segurança química em muitos países ricos ficou mais rigorosa. Nos Estados Unidos, foi criada a legislação de Direito à Informação, e a indústria química desenvolveu códigos de conduta, como a Atuação Responsável (Responsible Care). De acordo com Sam Smolik, vice-presidente da Dow para questões de meio ambiente, saúde e segurança, em um discurso feito recentemente, "(...) em 1984, a terrível tragédia que ocorreu em Bhopal, na Índia, serviu para despertar a indústria química como um todo...". No entanto, as mudanças ocorridas no setor químico não foram suficientes e trouxeram poucos benefícios aos indivíduos mais afetados pelo acidente,

BHOPAL – A TRAGÉDIA



cujos pedidos de indenização justa e de descontaminação da área continuam sendo ignorados.

Justiça para Bhopal

A Union Carbide foi intimada a indenizar aqueles que, com o desastre, perderam sua capacidade de trabalhar. Em fevereiro de 1989, depois de cinco anos de disputa legal, o governo indiano e a empresa chegaram a um acordo, fixando a indenização em US\$ 470 milhões. Essa quantia deveria ser capaz de pôr fim a toda responsabilidade da indústria perante à sociedade. A indenização média, de US\$ 370 a US\$ 533 por pessoa, era suficiente apenas para cobrir despesas médicas por cinco anos. Muitas das vítimas, assim como seus filhos, sofrerão os efeitos do desastre pelo resto de suas vidas.

Organizações locais de sobreviventes estimam que entre 10-15 pessoas continuam morrendo a cada mês como resultado da exposição. Desde 1984, mais de 140 ações civis a favor das vítimas e sobreviventes de Bhopal foram iniciadas nas Cortes Federais dos Estados Unidos, na tentativa de obter indenização apropriada. Os casos continuam em curso.

O pior desastre químico da história

1984 - 2004

Contaminação na Fábrica e Arredores

Em 1999, o Greenpeace e grupos comunitários de Bhopal visitaram a fábrica abandonada para avaliar as condições ambientais do local e dos arredores. A equipe documentou a presença de estoques de agrotóxicos, assim como resíduos perigosos e material contaminado espalhado por todo o terreno. Encontraram níveis elevados de metais pesados e compostos clorados no solo e na água, e, em alguns locais, os níveis eram bastante alarmantes.

BHOPAL – A TRAGÉDIA



As amostras coletadas pelo Greenpeace mostraram níveis elevados de compostos clorados no lençol freático amostrado a partir da água de poços, incluindo clorofórmio e tetracloreto de carbono, indicativos de contaminação a longo prazo. Além disso, foram encontrados no solo chumbo, níquel, cobre, cromo, hexaclorociclohexano (HCH) e clorobenzenos. A contaminação geral do local e dos arredores deve-se a vazamentos e acidentes rotineiros durante o período em que a fábrica funcionava, ou às contínuas emissões resultantes dos resíduos tóxicos que permanecem no local.

A muitos dos indivíduos que continuam habitando as redondezas da fábrica, incluindo sobreviventes do desastre, não resta outra alternativa a não ser usar água do lençol freático contaminada com poluentes tóxicos. Desde 1990 a comunidade já luta por água limpa. Testes realizados pelo governo local em 1996 apontaram níveis elevados de contaminação, concluindo que muitos dos poços tinham condições de potabilidade inadequadas.

Pior desastre químico da história 1984 - 2004

O Greenpeace e os sobreviventes de Bhopal exigem que a Dow Química:

- Descontamine a área e se responsabilize pelos custos da operação, como seria exigido nos Estados Unidos;
- Assegure tratamento médico e as condições necessárias para tratamento a longo prazo de sobreviventes do desastre;
- Indenize as pessoas afetadas pela exposição ao gás, assim como suas famílias;

BHOPAL – A TRAGÉDIA



- Providencie água potável para as comunidades que são forçadas a consumir água de poços contaminados;

Além disso, o Greenpeace e as organizações de sobreviventes exigem que governos assinem tratados internacionais para responsabilizar as empresas criminal e financeiramente pelos desastres industriais e pela poluição resultante.

O 17º aniversário do vazamento de gases letais da fábrica de agrotóxicos da Union Carbide em Bhopal, Índia, foi marcado hoje por protestos do Greenpeace em diversos países. Ativistas da organização ambientalista se juntaram ao 'AaCcTt: Bhopal' (1), uma aliança global de grupos de sobreviventes do pior desastre químico da história. Diversos escritórios da Dow ao redor do mundo (2) receberam garrafas de água contaminada, que foi coletada do lençol freático de Bhopal. Até hoje, mais de 5 mil famílias da região continuam a utilizar água contaminada para suas necessidades diárias.

As organizações exigem que a Dow/Union Carbide tome providências imediatas para indenizar os sobreviventes do desastre e para descontaminar a área do acidente (hoje, abandonada), além de responsabilizar legalmente o corpo diretor da Union Carbide à época do vazamento. A outra demanda é que uma legislação internacional seja criada para responsabilizar as corporações responsáveis por acidentes químicos e pela, conseqüente, contaminação causada ao redor do planeta.

Na madrugada de 03 de dezembro de 1984, mais de 500 mil pessoas foram expostas a um coquetel de gases letais que vazaram da fábrica de agrotóxicos da Union Carbide em Bhopal, na Índia. Mais de 7,5 mil pessoas morreram na noite do desastre. De acordo com comunidades locais, hoje, o número de

BHOPAL – A TRAGÉDIA



vítimas fatais do desastre ultrapassa os 20 mil. Grande parte dos moradores da região continua a sofrer com os efeitos da exposição crônica aos gases, manifestadas em doenças pulmonares, coronárias, neurológicas e nos olhos, além de provocarem sérios distúrbios nos sistemas: imunológico, hormonal e reprodutivo. A população necessita constantemente de atendimento médico, que é inexistente.

Logo após o acidente, a Union Carbide abandonou a fábrica, deixando como herança toneladas de lixo tóxico. Assim, nos últimos 17 anos, o lençol freático que abastece a cidade vem sendo contaminado. Dessa forma, a comunidade, sem escolha, vê-se obrigada a consumir esta água todos os dias, ingerindo um coquetel de substâncias tóxicas, que inclui clorobenzeno, clorofórmio, tricloroetano e tetracloroeto de carbono. Em 1999, uma pesquisa do Greenpeace revelou níveis de contaminação muito acima dos padrões para água potável aceitos pela EPA-US (do inglês, Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos). Os níveis de tetracloroeto de carbono são 682 vezes superiores aos permitidos pela agência norte-americana; os de clorobenzeno, 11 vezes; de tricloroetano, 50 vezes; e os níveis de clorofórmio superaram em 20 vezes os padrões dos Estados Unidos.

Em fevereiro deste ano, a Union Carbide foi incorporada pela multinacional americana Dow Chemicals. A transação comercial envolveu valores da ordem de US\$ 9,3 bilhões, criando a segunda maior companhia química do mundo.

“Com a aquisição da Union Carbide, a Dow comprou não só as suas instalações, mas também a responsabilidade pela tragédia de Bhopal, que se estende até hoje”, diz Karen Suassuna, coordenadora da campanha de Substâncias Tóxicas do Greenpeace. “A Dow deve ser responsabilizada pelo passivo tóxico, pela descontaminação da área e pela indenização integral de todas as vítimas do desastre.”

BHOPAL – A TRAGÉDIA



No dia 15 de Novembro de 2001, a segunda instância da Justiça norte-americana julgou procedente apelação que impõe responsabilidade ambiental da Dow pela situação em Bhopal. Essa decisão foi um passo importante da longa batalha judicial para responsabilizar legalmente a empresa.

Para Rashida Bi, presidente da organização de mulheres sobreviventes do desastre, "a decisão da Corte norte-americana deve criar dificuldades para que a Dow se isente das responsabilidades sobre Bhopal, mas, mesmo assim, muito ainda depende do esforço máximo da população". Já o indiano Balkrishna Namdeo, presidente de uma organização de sobreviventes que presta apoio às vítimas do desastre, apela à comunidade internacional para que a Dow se comprometa com a recuperação do meio ambiente e pela indenização às vítimas do legado tóxico de Bhopal.

(1) "AaCcTt:Bhopal" - "Ação contra Crimes Corporativos e Terrorismo Tóxico: Bhopal" é uma aliança internacional para promover a Justiça em Bhopal e um futuro livre da contaminação tóxica. A coalizão inclui organizações de sobreviventes da tragédia de Bhopal como a Gas Peedit Nirasharit Morcha (Bhopal), a Gas Peedit Mahila Stationary Karmachari Sangh (Bhopal), além do Grupo para Informação e Ação, da Campanha Nacional para Justiça em Bhopal (Mumbai), da A Outra Midia (Nova Delhi) e do Greenpeace.

(2) Ativistas do Greenpeace entregaram água contaminada, coletada do lençol freático de Bhopal, para os escritórios da Dow na Suíça, Holanda, Chile, Tailândia, China (Hong Kong) e Índia (em Bhopal e em Bangalore). O Greenpeace também fez protestos nas fábricas da Dow em Kerala, Índia, na Argentina e nos Estados Unidos.

BHOPAL – A TRAGÉDIA



08-05-2002 - São Paulo (SP)

Greenpeace: Bhopal, o descaso continua...

Mais de 17 anos após a tragédia, os números são assustadores: 20 mil mortos e mais de 100 mil vítimas, a história se repete ano após ano.

Flores e som de cítara marcaram um protesto diferente que envolveu 25 ativistas da organização ambientalista Greenpeace, representantes da ACPO (Associação de Combate aos POPs) e pescadores da UNIPESQ (União dos Pescadores de Conceiçãozinha, no Guarujá). Os manifestantes fizeram uma cerimônia em solidariedade às mais de 100 mil vítimas de Bhopal, em frente a sede brasileira da empresa Dow Química, em São Paulo.

Os ativistas cobriram a entrada principal da empresa com flores coloridas, simbolizando as vítimas de um dos maiores acidentes químicos da história. Uma placa de metal foi fixada na entrada principal da empresa lembrando o número de pessoas afetadas e com uma pergunta: " Dow, até quando? " Uma apresentação de cítara, instrumento musical tradicional indiano, foi realizada pelo músico Luciano Sallun e teve como público parte dos funcionários da empresa.

A organização ambientalista Greenpeace enviou ontem, dia sete de maio (1), cartas aos principais executivos da Dow Química no mundo, para que se pronunciassem favoravelmente ao processo de descontaminação e promovessem a justiça para as vítimas de Bhopal, durante a Reunião Geral de Acionistas (AGM) que será realizada amanhã na cidade Midland, no Michigan, sede mundial da empresa nos Estados Unidos. Protestos em solidariedade às vítimas estão acontecendo na sede regional européia, na Suíça, e na sede asiática, em Hong Kong.

Na madrugada de 03 de dezembro de 1984, mais de 500 mil pessoas foram expostas a um coquetel de gases letais que

BHOPAL – A TRAGÉDIA



vazaram da fábrica de agrotóxicos da Union Carbide (hoje pertencente à Dow Química) em Bhopal, na Índia. Mais de 7,5 mil pessoas morreram na noite do desastre. De acordo com a rede AaCcTt (2) e comunidades locais, hoje, o número de vítimas fatais ultrapassa os 20 mil. São contabilizados em mais de 100 mil o número de pessoas da região que sofreram com os efeitos da exposição crônica aos gases, manifestados em doenças pulmonares, coronárias, neurológicas e nos olhos, além de provocarem sérios distúrbios nos sistemas imunológico, hormonal e reprodutivo. A população necessita constantemente de atendimento médico, que é inexistente. Segundo dados oficiais, a cada mês que passa, mais um sobrevivente do desastre morre por doenças relacionadas à exposição.

Logo após o acidente, a Union Carbide abandonou a fábrica, deixando para trás toneladas de lixo tóxico. Assim, nos últimos 17 anos, o lençol freático que abastece a cidade vem sendo contaminado. Dessa forma, a comunidade, sem escolha, vê-se obrigada a consumir esta água todos os dias, ingerindo um coquetel de substâncias tóxicas, que inclui clorobenzeno, clorofórmio, tricloroetano e tetracloroeto de carbono. Em 1999, uma pesquisa do Greenpeace revelou níveis de contaminação muito acima dos padrões para água potável aceitos pela EPA-US (do inglês, Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos). Os níveis de tetracloroeto de carbono são 682 vezes superiores aos permitidos pela agência norte-americana; os de clorobenzeno, 11 vezes; os de tricloroetano, 50 vezes; e os níveis de clorofórmio superaram em 20 vezes os padrões dos Estados Unidos.

Em fevereiro de 2001, a Union Carbide foi incorporada pela multinacional americana Dow Chemicals. A transação comercial envolveu cerca de US\$ 9,3 bilhões, criando a segunda maior companhia química do mundo. "O fato de a Dow ter comprado a Union Carbide não mudou em nada a necessidade de descontaminar Bhopal e de garantir o tratamento médico aos

BHOPAL – A TRAGÉDIA



sobreviventes. De acordo com a legislação norte americana, à qual a sede internacional da Dow está sujeita, a mudança de dono não retira da indústria a responsabilidade pelo passivo ambiental adquirido. É inadmissível que a Dow adote um padrão de conduta dentro dos Estados Unidos e outro fora.” diz Karen Suassuna, coordenadora da campanha de Substâncias Tóxicas do Greenpeace. “Os acionistas da Dow devem se questionar se é ético uma empresa dispendir tanto esforço para construir uma imagem pública e ao mesmo tempo demonstrar tanto descaso com o sofrimento imposto à população”.

O protesto, que contou com o apoio de organizações brasileiras formadas por vítimas de contaminação, também serve para lembrar às autoridades nacionais e ao setor industrial que casos semelhantes ao de Bhopal também acontecem aqui. Assim como as vítimas indianas, brasileiros também sofrem com a contaminação ambiental e danos a sua saúde causados por contaminantes químicos oriundos de processos industriais. Empresas como a belga Solvay, a gigante Shell, de capital britânico e holandês, a francesa Rhodia, dentre outras, são responsáveis por boa parte da herança tóxica brasileira (3). “Minha vida hoje depende de medicamentos e é por isso que estou aqui, prestando minha solidariedade àqueles que já se foram e aos que como eu se tornaram para sempre vítimas de uma ação irresponsável da indústria química” diz Márcio Pedroso, contaminado por mercúrio e membro da organização brasileira ACPO (Associação de Combate aos POP’s) com sede em Santos, no estado de São Paulo.

Em janeiro de 1998, o Greenpeace denunciou a contaminação por tetracloreto de carbono e clorofórmio encontrados nos efluentes da planta da Dow, localizada no Guarujá , no estado de São Paulo. A postura da companhia foi negar a possibilidade de dano ambiental. Mesmo após dois anos da denuncia, a Dow recusa-se a pronunciar-se publicamente sobre o assunto. “Os peixes sumiram, a água está contaminada, não tenho mais de

BHOPAL – A TRAGÉDIA



onde tirar meus sustento como pescador, Hoje luto por um futuro melhor para meus filhos, não quero dar a eles a vida que tive, vendo a minha maior riqueza, o estuário do Guarujá, ser destruído pela poluição”. Newton Rafael Gonçalves é pescador caçara, secretário geral da UNIPESQ e morador a mais de 44 anos do sítio Conceiçãozinha, fundado em 1898 e localizado ao lado da planta da Dow Química no Guarujá, litoral do estado de São Paulo.

A forma com a qual a Dow lida com a tragédia de Bhopal está servindo como modelo de negligência para os demais “casos Bhopal” espalhados ao redor do mundo. Até agora a Dow não conseguiu ser um exemplo positivo e seu descaso em assumir a responsabilidade é um modelo para aqueles que pensam que as vítimas desse tipo de herança química podem ser abandonadas a sua própria sorte.

(2) AaCcTt: Bhopal (Ação contra Crimes Corporativos e Terrorismo Tóxico: Bhopal) é uma aliança internacional para promover a Justiça em Bhopal e um futuro livre da contaminação tóxica. A coalizão inclui organizações de sobreviventes da tragédia de Bhopal como a Gas Peedit Nirasharit Morcha (Bhopal), a Gas Peedit Mahila Stationary Karmachari Sangh (Bhopal), além do Grupo para Informação e Ação, da Campanha Nacional para Justiça em Bhopal (Mumbai), da A Outra Midia (Nova Delhi), CorpWatch e do Greenpeace.

(3) Informações e relatórios técnicos sobre casos de contaminação ambiental podem ser encontrados no site da campanha de tóxicos do Greenpeace Brasil ou no hotsite da Agência Estado, no ar desde o dia três de maio: www.estadao.com.br/ext/ciencia/zonasderisco

09-05-2002 - Washington DC (EUA)

BHOPAL – A TRAGÉDIA



Sombra de Bhopal paira sobre a reunião de acionistas da Dow

Representantes dos sobreviventes da tragédia de Bhopal, o maior desastre químico da história, estiveram presentes ontem, juntamente com o Greenpeace e outras organizações de apoio, em Midland, Michigan, nos Estados Unidos, para confrontar a Dow Química durante a reunião anual de acionistas (AGM) e buscar um compromisso em relação ao passivo ambiental e social.

A coalizão exigiu que Michael D. Parker, presidente da Dow, assegurasse que a empresa irá reconhecer sua responsabilidade pelo vazamento de gás que ocorreu em 1984 na fábrica de agrotóxicos da Union Carbide em Bhopal, na Índia, que matou milhares de pessoas e deixou muitos com lesões graves. Com a compra da Union Carbide em 2001 (1), a Dow se tornou a maior indústria química no mundo. Porém, até agora, tem se negado a aceitar o passivo adquirido da Union Carbide em relação aos impactos no meio ambiente e às violações de direitos humanos em Bhopal. (2)

“O fato de a Dow ter comprado a Union Carbide não muda em nada a necessidade de descontaminar Bhopal e garantir o tratamento médico aos sobreviventes. De acordo com a legislação norte-americana, à qual a sede internacional da Dow está sujeita, a mudança de dono não retira da indústria a responsabilidade pelo passivo ambiental adquirido. É inadmissível que a Dow adote um padrão de conduta dentro dos Estados Unidos e outro fora.” diz Karen Suassuna, coordenadora da campanha de Substâncias Tóxicas do Greenpeace. “Os acionistas da Dow devem se questionar se é ético uma empresa dispende tanto esforço para construir uma imagem pública e ao mesmo tempo demonstrar tanto descaso com o sofrimento imposto à população”.

BHOPAL – A TRAGÉDIA



Os sobreviventes de Bhopal solicitaram na semana passada uma reunião com a Dow para discutir a questão de Bhopal, mas a gigante da indústria química se recusou a recebê-los. Apesar de a Dow afirmar que “acredita no valor inerente das pessoas e que irá honrar sua relação com aqueles que permitem que a empresa seja parte deste mundo” (3), também deixou claro que está interessada apenas em fazer um “gesto humanitário” aos sobreviventes de Bhopal, e que qualquer outra discussão sobre o assunto seria perda de tempo.

“Eu espero que a nossa disposição para viajar tão longe para apresentar à Dow nossa posição, nem que seja por cinco minutos, mostre a gravidade do problema que estamos vivendo,” disse Dr. H. Trivedi, um sobrevivente de Bhopal que confrontou Michael Parker durante a sessão de perguntas e respostas no encontro de Midland, Michigan. “Como a Dow pode falar sobre seu empenho em responsabilidade corporativa e ao mesmo tempo virar as costas para nós?”

Os sobreviventes de Bhopal construíram uma réplica da estátua originalmente dedicada às vítimas do desastre e a deram de presente para o centro de artes de Midland, como mostra de solidariedade à população de Midland, onde está ocorrendo a reunião de acionistas da Dow. Recentemente, foi descoberta a jusante da planta da Dow em Midland, grande contaminação por dioxinas, que impõe uma séria ameaça à comunidade. Em uma cerimônia que ocorreu hoje, Midland e Bhopal foram declaradas cidades irmãs, unidas pela herança química e pela falta de compromisso da Dow em relação à descontaminação de seus resíduos tóxicos. Porém, ao contrário das vítimas de Bhopal, a população de Midland está de certa forma protegida pela legislação norte-americana. Apesar de os procedimentos legais atrasarem o processo de descontaminação, a legislação norte-americana deixa claro que a Dow é responsável pela contaminação.

BHOPAL – A TRAGÉDIA



Curtis Moore, antigo advogado do Senado dos Estados Unidos, disse "Se um desastre como o de Bhopal tivesse ocorrido nos Estados Unidos (...) a área com certeza já teria sido descontaminada. Se a empresa se negasse a fazer a descontaminação, o governo a teria feito, e cobrado da empresa o triplo do custo do processo de descontaminação. Qualquer executivo de indústrias nos Estados Unidos sabe que esse é o tipo de responsabilidade a que está sujeito quando sua indústria emite substâncias tóxicas."

Uma coalizão internacional, que inclui sobreviventes do desastre, foi formada para forçar a Dow Química a reconhecer sua responsabilidade pela herança tóxica de Bhopal. A coalizão, que inclui o Greenpeace, a Bhopal Gas Affected Women Stationery Workers Association, a Bhopal Gas Affected Pensioners Association, a Bhopal Group for Information and Action, a National Campaign for Justice in Bhopal, a The Other Media e a CorpWatch India, está exigindo que a Dow descontamine a área abandonada em Bhopal, assegure tratamento médico e as condições necessárias para tratamento a longo prazo de sobreviventes do desastre e encare os processos de responsabilidade criminal como dona da Union Carbide nos casos pendentes na Corte do Distrito de Bhopal.

Um dia antes da reunião de acionistas, o Greenpeace fez uma cerimônia dirigida às vítimas de Bhopal ao som de cítara, espalhando flores na entrada principal da sede da Dow Química, em São Paulo. Representantes da ACPO (Associação de Combate aos POP's) e pescadores da UNIPESQ (União dos Pescadores de Conceiçãozinha, no Guarujá) apoiaram a homenagem. Uma carta foi enviada pela entidade ambientalista ao presidente da Dow Química do Brasil solicitando que o executivo se manifestasse junto ao conselho da empresa apoiando a descontaminação e a indenização das vítimas da tragédia. A resposta da empresa foi vaga e esquivada no sentido de não assumir nenhuma posição atuante no processo de

BHOPAL - A TRAGÉDIA



defender as vítimas, seguindo a mesma orientação da sede internacional da Dow Química.

(1) As vendas anuais da Dow superam 30 bilhões de dólares - mais do que a economia nacional de cerca de dois terços dos países do mundo. Banco Mundial - 2000, Indicadores de Desenvolvimento Mundial.

(2) A Dow já chegou a um acordo sobre outro caso contra a sua subsidiária Union Carbide. Em janeiro de 2002, a Union Carbide, antes de ser comprada pela Dow, foi apontada em uma ação judicial como uma das responsáveis por contaminação ocupacional por asbestos. Após a compra da Union Carbide, a Dow se tornou responsável pelo caso e chegou a um acordo.

(3) Sam Smolik, Vice Presidente de Meio Ambiente, Saúde e Segurança da Dow Química, durante a 6a Conferência do Pacífico Asiático sobre Atuação Responsável, em Singapura, cinco a oito de novembro de 2000.

10-07-2002 - Delhi (Índia) / São Paulo (SP)

Justiça pode favorecer responsáveis por Bhopal

Vários protestos ocorreram hoje em Delhi, Bangalore e Mumbai, na Índia, após indícios de que o Escritório Central de Investigação do governo indiano reduziria as acusações de homicídio culposo contra Warren Anderson, antigo CEO da Union Carbide, para simples acusações de negligência. A Union Carbide, adquirida posteriormente pela Dow Química, foi a responsável pelo desastre ocorrido em 1984 em Bhopal, na Índia.

O Greenpeace se uniu a esses protestos a fim de apoiar os sobreviventes da tragédia, que clamam por justiça. Três manifestantes estão em greve de fome há doze dias; dois deles são sobreviventes da tragédia.

BHOPAL – A TRAGÉDIA



Se, de fato, o governo indiano decidir pela redução das acusações, a pena de Anderson poderá ser apenas uma pequena multa, chegando no máximo a dois anos de prisão. Além disso, o acusado não terá que comparecer ao julgamento, a ser realizado na Índia. Se as acusações de homicídio culposo forem mantidas, a pena pode chegar a até dez anos de prisão.

“O governo da Índia tem o papel fundamental de assegurar que todos os envolvidos nesse desastre sejam devidamente responsabilizados, assim como se a tragédia tivesse acontecido nos EUA,” disse Ananthapadmanabhan Ananth, diretor-executivo do Greenpeace na Índia. “Se o governo não rejeitar essa idéia de reduzir as acusações, dará um sinal claro de que a Índia está aberta à exploração de outras multinacionais”, completou.

A decisão da justiça indiana será divulgada no próximo dia 17, em Bhopal.

29-08-2002 - Joanesburgo/Washington

Dow Química e seus abusos: depois de Bhopal, agora é a vez da África

Greenpeace protesta contra mais um crime cometido pela multinacional norte-americana; ironicamente, o presidente da empresa responsável pelo desastre químico de Bhopal é encontrado em mansão

O Greenpeace trouxe à tona, hoje pela manhã, mais um abuso cometido pelo maior criminoso corporativo - a Dow Química - na África do Sul (1). Enquanto isso, nos Estados Unidos, a organização ambientalista pediu a prisão e extradição do fugitivo internacional responsável pelo crime corporativo de Bhopal, Warren Anderson, localizado por um jornal britânico e pelo Greenpeace.

BHOPAL – A TRAGÉDIA



No protesto realizado contra a Dow, aproximadamente 40 ativistas de 15 países diferentes isolaram um duto que despejava lixo tóxico a partir de uma unidade da empresa na África do Sul. A intenção era lembrar aos delegados e chefes de Estado reunidos em Joanesburgo para a Rio+10 que criminosos corporativos devem ser punidos. O protesto foi realizado conjuntamente com representantes locais dos grupos GroundWork, Corpwatch, a 15km de Joanesburgo, e com a Campanha Nacional pela Justiça em Bhopal. Ativistas também realizaram uma manifestação pacífica em Chloorkop, Midrand, na qual estenderam uma faixa com os dizeres "Dow: não repita Bhopal. Limpe a África agora!".

Investigações e análises feitas pelo Greenpeace indicaram que a unidade da Dow Agro-Sciences na África do Sul tem lançado substâncias químicas cancerígenas e tóxicas no meio ambiente pelo menos desde 1997, quando a multinacional americana tornou-se proprietária da fábrica.

"As atividades desta empresa na África do Sul confirmam que a Dow é, realmente, uma empresa criminosa em âmbito global. O enorme abuso do meio ambiente cometido pela Dow neste país é consistente com o comportamento ilegal e imoral apresentado outras vezes, que vai desde a produção de venenos até a exploração de legislações ambientais inadequadas em países em desenvolvimento", disse Marcelo Furtado, coordenador da campanha contra substâncias tóxicas do Greenpeace na América Latina.

A ficha criminal da Dow é longa e inclui o desastre de Bhopal, na Índia, em 1984. Considerado o pior desastre químico do mundo, o vazamento de gás letal resultou em mais de 20.000 vítimas e causou diversos problemas crônicos de saúde em mais de 150.000 pessoas. À época do desastre, a fábrica pertencia à Union Carbide e seu presidente era Warren Anderson. Em 2001, a Dow Química uniu-se à Union Carbide, mas recusa-se, desde

BHOPAL – A TRAGÉDIA



então, a assumir a responsabilidade de Bhopal, herdada com a fusão.

Em maio deste ano, o governo indiano iniciou, estranhamente, um processo de abrandamento das acusações contra Anderson. Ontem, a corte de Bhopal rejeitou a iniciativa do governo da Índia e manteve as antigas acusações. A decisão foi muito bem recebida por todos aqueles que buscam a justiça para esse caso.

O antigo CEO da Union Carbide, que está foragido desde a explosão da fábrica de sua empresa em Bhopal (Índia) em 1984, foi localizado vivendo uma vida de luxos numa mansão no estado de Nova Iorque. O Greenpeace visitou a residência norte-americana de Anderson e entregou ao criminoso um simbólico mandado de prisão. Ele é acusado de homicídio culposo e tem uma ordem de extradição decretada há onze anos.

Anderson nunca compareceu aos tribunais pelas acusações decorrentes dos crimes cometidos em Bhopal e sequer explicou porquê sua empresa as medidas de segurança adotadas na Índia eram diferentes - e mais precárias - do que aquelas adotadas na fábrica da Union Carbide em South Charleston, no estado de West Virginia (EUA).

Pedindo que ambos os governos ajam rapidamente, Ganesh Nochur, coordenador de campanhas do Greenpeace na Índia disse que "agora que o endereço de Anderson já foi encontrado, a Índia deve imediatamente pedir sua prisão e extradição com base nas acusações de homicídio culposo. Além disso, o Greenpeace pede que os Estados Unidos aceitem o pedido indiano, honrando assim o acordo de extradição feito entre os países. Anderson e todo o restante da Union Carbide, agora Dow Química, devem assumir a responsabilidade pelos crimes de Bhopal".

BHOPAL – A TRAGÉDIA



“Já que os delegados estão reunidos na Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável em Joanesburgo, esperamos que aproveitem a oportunidade para discutir e priorizar o tópico que fala de responsabilidade corporativa. Uma legislação internacional deve ser estabelecida para fazer com que empresas e seus executivos sejam responsabilizados criminal e financeiramente por terrorismo ambiental. Não podemos admitir que existam outros casos como o de Bhopal”, concluiu Ganesh.

(1) A empresa Dow Química é a maior indústria química do mundo, com vendas anuais que ultrapassam os US\$ 30 bilhões. Como o maior produtor mundial de cloro - componente essencial para a produção de dioxina, que é uma substância química altamente tóxica e cancerígena -, a Dow é, sem dúvida, a maior root source de dioxina do planeta. Além disso, através de sua subsidiária Dow AgroSciences, a Dow é uma das maiores produtoras de inseticidas (Dursban), herbicidas (Clincher) e fungicidas, e já produziu alguns dos pesticidas mais perigosos para os seres humanos, incluindo o DDT, o Dursban e o 2,4,5-T, que é o ingrediente ativo do Agente Laranja. Por fim, a Dow tem, recentemente, aumentado seus investimentos em organismos geneticamente modificados que possam suportar altas dosagens de seus pesticidas.

25-11-2002 - Bhopal, Índia

Polícia prende ativistas do Greenpeace e sobreviventes de Bhopal

Ação tinha como objetivo responsabilizar a multinacional Dow Química pelo maior acidente químico da história

Agindo de forma agressiva policiais indianos prenderam nesta manhã, 56 ativistas do Greenpeace de 14 diferentes nacionalidades, incluindo o Brasil, e cerca de 60 sobreviventes do maior acidente químico da história. A manifestação faz parte

BHOPAL – A TRAGÉDIA



da campanha promovida pela rede “International Campaign for Justice in Bhopal” (Campanha Internacional por Justiça em Bhopal), da qual o Greenpeace é membro, e tem o objetivo de conseguir que a Dow Química, que comprou a Union Carbide, se responsabilize pelo acidente.

Ativistas e voluntários tentaram sitiar e armazenar de forma segura parte das centenas de toneladas de material químico tóxico deixado no local pela multinacional americana, após a empresa abandonar o país e a planta industrial depois do acidente. O objetivo da ação era mostrar para a Dow Química, que é a atual proprietária da Union Carbide, que a limpeza e descontaminação da área não apenas é possível, mas que precisa ser feita com urgência.

“É a Dow, e não os nossos ativistas e voluntários, que está agindo criminalmente, abandonando esta área contaminada aqui” afirmou John Butcher, responsável pela Campanha de Substâncias Tóxicas do Greenpeace Brasil.

O terrível acidente, sem precedentes ocorreu em 1984, na planta industrial da Union Carbide, em Bhopal, Índia, quando 40 toneladas de gases letais vazaram, matando 8 mil pessoas nos três primeiros dias após o acidente, 20 mil até hoje, e deixando mais de meio milhão de feridos.

Menosprezando repetidas solicitações dos sobreviventes do acidente de 1984, tanto a Union Carbide quanto a Dow até hoje não se responsabilizaram pelo crime. Cientistas do Greenpeace frequentemente vem verificando o grau de contaminação na planta industrial abandonada e ao redor dela e tem verificado altos níveis de contaminação do solo e da água, causado pelas toneladas de material tóxico abandonados. O crime persiste não apenas pelo já ocorrido, mas também pela contínua contaminação causada através do solo e água usados pelas

BHOPAL – A TRAGÉDIA



comunidades próximas (confira os níveis de contaminação no relatório "The Bhopal Legacy" - em inglês).

"Aqui em Bhopal, muitos dizem que os felizardos são os que morreram em 1984. A recusa pela Dow em descontaminar a área está nos contaminando diariamente. Este descaso expõe outras gerações de crianças a substâncias químicas altamente tóxicas. Eles podem nos prender, mas não irão nos impedir de lutar por justiça", disse Rashida Bi, uma líder comunitária e sobrevivente do que chamam de pior desastre químico do mundo até o momento. Rashida planeja visitar o Brasil durante o Fórum Social Mundial em 2003.

"O desastre de 1984 não terminará enquanto a Dow Química não se responsabilizar e limpar Bhopal, prover a comunidade afetada com assistência médica e água potável e devidamente compensar os sobreviventes. A Dow tem aceitado a sua responsabilidade em relação aos crimes ambientais ocorridos nos Estados Unidos. Agora, eles devem aceitar as suas responsabilidades aqui na Índia", disse Ananthapadmanabhan, diretor executivo do Greenpeace Índia, que esteve entre os detidos desta manhã.

02-12-2002 - Bombaim, Índia

Lixo tóxico do desastre de Bhopal é devolvido a seus donos Dow Química é acusada de envenenamento dos sobreviventes

Na véspera do 18º aniversário do desastre acontecido em Bhopal, os sobreviventes da tragédia e seus colaboradores e simpatizantes da Índia e de todo o mundo, incluindo os ativistas do Greenpeace (1), fizeram uma procissão desde o centro de Bombaim até a sede da Dow Química na Índia. Os manifestantes entregaram amostras de solo e água contaminados, retirados do local do desastre, e desafiaram a Dow, nova dona da Union Carbide (2), a limpar Bhopal.

BHOPAL – A TRAGÉDIA



A procissão foi liderada por aproximadamente 200 mulheres, que viajaram de Bhopal a Bombaim para apoiar o protesto e entregar centenas de vassouras com a mensagem "Dow, limpe sua sujeira".

O solo e a água subterrânea nos arredores da antiga fábrica de pesticidas da Union Carbide se tornaram extremamente contaminados desde 1984, graças às centenas de toneladas de lixo tóxico perigoso que a empresa abandonou no local quando fugiu da cidade depois do vazamento de gás que causou o maior desastre industrial do mundo, matando 8.000 pessoas no momento do acidente e mais 12.000 desde então. Ainda hoje, pelo menos uma pessoa por dia morre em consequência da exposição aos gases e 150.000 precisam de cuidados médicos emergenciais. Centenas de famílias que vivem próximas ao local do acidente ainda utilizam, rotineiramente, a água contaminada (3).

"Nós estamos entregando essas amostras de solo e água tóxicas para a Dow para pedir que eles salvem milhares de vidas em Bhopal através da limpeza das perigosas substâncias químicas que ainda existem no local. Desde a terrível noite do vazamento de gás, nós, os sobreviventes, e nossos filhos, temos sido lentamente envenenados por eles. Essas substâncias tóxicas foram contaminando nossa água e agora podem ser encontradas até no leite materno. Já é hora da Dow parar de nos matar e colocar um fim em toda essa tragédia através da limpeza do local. Até que isso aconteça, nós não poderemos seguir nossas vidas", disse Champa Devi, um senhora que sobreviveu ao desastre e liderou as mulheres durante a procissão.

Desde o desastre, ninguém assumiu a responsabilidade pela área da fábrica contaminada em Bhopal e pelo lixo que ainda permanece no local (4). Documentos confidenciais internos da

BHOPAL – A TRAGÉDIA



Union Carbide (Veja "Poison Papers") revelam que a empresa conhecia totalmente a contaminação que estava causando através da fábrica de Bhopal e mesmo assim não fez nada para resolver esse problema. A Union Carbide e seu presidente na época do acidente, Warren Anderson, escaparam da justiça. Em fevereiro de 2001, a Dow Química comprou a Union Carbide, mas também não assumiu a responsabilidade pelo desastre de Bhopal.

"Ao recusar-se a assumir a responsabilidade por Bhopal, a Dow Química é culpada pela maior parte dos danos e mortes que causaram esta tragédia. A Dow é cúmplice no assassinato dessas pessoas, seja qual for o enfoque que dermos a esse desastre. As pessoas que conseguiram sobreviver ao maior desastre industrial de todos os tempos, e seus filhos, estão recebendo, como cortesia, uma dose diária de veneno da Dow", disse, em Bombaim, Von Hernandez, do Greenpeace.

Notas:

(1) O Greenpeace participa da Campanha Internacional por Justiça em Bhopal, que demanda que a Dow Química limpe a contaminação em Bhopal, providencie atendimento médico para os sobreviventes, purifique a água para consumo, promova a reabilitação social e econômica das vítimas e realize a compensação completa para os sobreviventes.

(2) Ao comprar a Union Carbide no ano passado, a Dow tornou-se a maior indústria química do mundo, com um total de U\$28 bilhões em venda de produtos químicos.

(3) Para maiores informações científicas sobre o lixo tóxico na área da fábrica ou sobre as substâncias química encontrada no solo e na água, veja o relatório "O Legado Bhopal" ("The Bhopal Legacy", em inglês).

BHOPAL – A TRAGÉDIA



(4) No dia 31 de agosto de 2002, o Greenpeace enviou uma notificação oficial ao governo da Índia para comunicá-lo de que a Dow, como a nova dona da Union Carbide, é a responsável pela limpeza de Bhopal e para comunicar que empresa está violando a lei ao deixar lixo tóxico no local da fábrica em Bhopal. O governo da Índia disse concordar que a existência de substâncias químicas perigosas no local era ilegal. No dia 23 de outubro de 2002, o Greenpeace presenteou a Dow Química com diretrizes técnicas que explicam como limpar adequadamente a área contaminada por substâncias tóxicas em Bhopal.

03-12-2002 - Nova Delhi/Bhopal, Índia

Digvijay Singh desculpa-se pela brutalidade policial durante protesto em Bhopal

No 18º aniversário do maior desastre industrial da história, o Ministro da Suprema Corte Indiana pede a retirada das acusações contra os ativistas presos no último dia 25

Na presença de uma delegação da Campanha Internacional por Justiça em Bhopal, Digvijay Singh, Ministro da Suprema Corte de Madhya Pradesh, instruiu hoje seus funcionários a retirar as acusações contra os ativistas que tentaram, na semana passada, isolar uma pequena fração das toneladas de lixo tóxico que permanecem no local da fábrica da Union Carbide. Ele também desculpou-se pelo injustificável tratamento brutal dado aos sobreviventes e seus simpatizantes na manifestação do dia 25 de novembro.

“A violência policial exercida pela polícia de Bhopal e sofrida pelos ativistas, que tinham boas intenções, não deve ser repetida jamais. Já fomos roubados em nossos direitos de viver em uma ambiente seguro e saudável quando o desastre aconteceu, há 18 anos. No mínimo, esperamos que o governo assegure nossos direitos, e não que corrobore com nossa agonia e reprima até mesmo nosso direito de manifestarmos nosso

BHOPAL – A TRAGÉDIA



descontentamento de maneira pacífica”, disse Rashida Bi, representante dos sobreviventes da tragédia, em uma mensagem telefônica diretamente de Bhopal.

“O gesto do Ministro foi bem recebido por nós e é um sinal claro de que estamos caminhando na direção correta para responsabilizar a Dow Química e obter justiça para as vítimas e cidadãos de Bhopal que foram afetados. Mas esperamos que esse gesto seja seguido de ações concretas rápidas”, disse Prayag Joshi, diretor de assuntos políticos do Greenpeace Índia.

Especialistas e ativistas da Campanha Internacional por Justiça em Bhopal foram brutalmente agredidos pela polícia na semana passada, quando entraram na área abandonada da antiga fábrica para isolar e tornar seguro parte do lixo tóxico que foi deixado no local. A polícia também apreendeu os equipamentos, tornando, portanto, impossível que os especialistas internacionais concretizassem suas pacíficas intenções de chamar a atenção do mundo para o crime que continua acontecendo em Bhopal.

No dia do 18º aniversário do maior desastre industrial do mundo, dez vítimas afetadas pelo vazamento de gás e seus simpatizantes realizaram um enorme passeata pelas ruas de Bhopal. Os participantes pediram que a Dow Química, a dona da Union Carbide, assuma as responsabilidades pelo desastre de Bhopal.

“Nós continuaremos levando nosso protesto contra a Dow onde quer que eles tenham escritórios até que eles aceitem totalmente a responsabilidade pelo desastre. A Dow não pode se esconder e se evadir para sempre de suas responsabilidades em Bhopal”, disse Von Hernandez, do Greenpeace Internacional. Nic Clyde, um ativista australiano preso na semana passada, entregou um “Kit de Limpeza” para a Dow Química em Sidney

BHOPAL – A TRAGÉDIA



hoje pela manhã, juntamente com uma carta, reiterando as demandas da Campanha Internacional por Justiça em Bhopal.

Na Tailândia, Tara Buakamsri, outra ativista presa na semana passada, entregou amostras de solo e água contaminada na fábrica da Dow Química no distrito industrial de Map Tha Put, como parte do protesto mundial contra a maior indústria química do mundo e também entregou um abaixo-assinado para o Sr. James R. Fitterling, diretor da Dow Química na Tailândia, pedindo que a empresa se responsabilize pelo vazamento de gás que já matou 20.000 pessoas e ainda está causando a morte de pelo menos uma pessoa por dia em consequência da exposição a gases letais.

Também em repúdio ao acidente de Bhopal, uma carta foi enviada ao presidente da Dow Química na Argentina. Além disso, o Centro Cultural Recoleta, em Buenos Aires, está hospedando a exposição itinerante do fotógrafo indiano Raghu Rai, que ilustrou com sua obra as faces desta tragédia.

07-01-2003 - Amsterdã, Holanda

Greenpeace confronta Dow Química com veneno da cena do crime corporativo

Sobreviventes de Bhopal pedem justiça

Hoje pela manhã, o Greenpeace e os sobreviventes do pior desastre industrial do mundo, ocorrido em Bhopal (Índia), devolveu o lixo tóxico recolhido no local do desastre para a empresa Dow Química. O lixo foi abandonado em Bhopal em 1984 e permanece contaminando os habitantes do local.

Dez ativistas do Greenpeace, incluindo John Passacantando, diretor-executivo do Greenpeace EUA, e Rashida Bi, líder da União das Mulheres Vítimas de Gás em Bhopal, ambos participantes da Campanha Internacional por Justiça em Bhopal

BHOPAL – A TRAGÉDIA



(1), descarregaram 250Kg de lixo adequadamente estocados em sete barris, que estavam no navio Arctic Sunrise do Greenpeace, e entregaram os barris na maior unidade de operação da Dow na Europa, a Dow Benelux, na Holanda. Três ativistas desceram no topo do prédio e penduraram oito painéis gigantes mostrando fotografias do crime corporativo cometido pela Dow em Bhopal e uma faixa exigindo que a Dow limpe a sujeira de Bhopal (2).

“Nós continuaremos confrontando a Dow com relação a esse crime corporativo até que ela limpe a sujeira que deixou em Bhopal e pare de nos contaminar. Nós já temos que lutar para sobreviver às doenças decorrentes da exposição ao gás letal sem auxílio adequado da empresa responsável, e agora estamos tendo que encarar a morte lenta por exposição a esses venenos. Como é que uma empresa pode sair disso ilesa?”, perguntou Rashida Bi, que viajou à Holanda para participar do protesto.

O lixo venenoso que foi devolvido hoje é apenas uma pequena fração das centenas de toneladas que foram deixadas para trás na fábrica de pesticidas em Bhopal desde 1984, quando a Union Carbide, comprada pela Dow (3), fugiu da cidade depois do vazamento de gás que matou 8.000 pessoas nos três primeiros dias após o acidente e prejudicou aproximadamente meio milhão. Ninguém assumiu a responsabilidade pelo lixo e a empresa química continua se recusando a limpar o local. Por 18 anos, substâncias químicas tem vazado para o solo e para a água subterrânea do entorno da fábrica, contaminando as pessoas que conseguiram sobreviver ao vazamento de gás. Até hoje, o número de mortos chega a 20.000, crescendo a cada dia. Filhos de sobreviventes sofrem de problemas de saúde e 150.000 pessoas precisam de cuidados médicos urgentes.

Um novo relatório, lançado hoje pelo Greenpeace (4), apresenta novas evidências de contaminação grave em decorrência do lixo tóxico abandonado na fábrica. Cientistas do Greenpeace

BHOPAL – A TRAGÉDIA



identificaram diversos venenos no lixo, incluindo Sevin, o pesticida que a Union Carbide fabricava em Bhopal, e BHC, uma mistura de substâncias químicas tóxicas que pode afetar o sistema nervoso, o fígado e os rins, e que pode ser passado para o feto caso atinja mulheres grávidas.

“Nós não vamos permitir que a Dow enterre esse crime na Índia e vamos continuar apontando evidências em todo o mundo para confrontar a empresa com suas responsabilidades com relação àqueles que foram envenenados por culpa da sua falha em aceitar as responsabilidades que continuam pendentes em Bhopal. Corporações como a Dow se beneficiam do mercado global para desenvolver seus negócios mas não são responsabilizadas globalmente por suas operações. Até que isso aconteça, crimes como este continuarão sendo cometidos, e as pessoas e o meio ambiente continuarão pagando por isso”, disse Ganesh Nochur, coordenador da campanha no Greenpeace Índia, a bordo do navio Arctic Sunrise.

A Campanha Internacional por Justiça em Bhopal pede que a Dow aceite sua responsabilidade pelas pendências em Bhopal, limpe o local, forneça água limpa aos habitantes e garanta tratamento médico a longo prazo e indenizações adequadas. A Campanha também pede que seja criada uma legislação internacional para assegurar que empresas como a Dow sejam responsabilizadas pela poluição e pelos acidentes que suas operações causem, onde quer que seja.

Notas:

(1) A Campanha Internacional por Justiça em Bhopal (CIJB) é composta por 18 ONGs locais e internacionais.

(2) As fotos foram tiradas por Raghu Rai e fazem parte da exposição itinerante “Retratos de um crime corporativo”, que

BHOPAL – A TRAGÉDIA



será apresentada em Porto Alegre durante o Fórum Social Mundial.

(3) A Dow Química comprou a Union Carbide em fevereiro de 2001. Apesar das claras evidências de que a Union Carbide havia cortado medidas de segurança em sua fábrica em Bhopal, a Dow continua afirmando que a Union Carbide “fez o que era preciso fazer para implementar programas ambientais, de saúde e de segurança da maneira correta” em Bhopal.

(4) Veja o novo relatório do Greenpeace. Confira também as diretrizes para a limpeza da área contaminada.

16-01-2003 - São Paulo, SP

Greenpeace pressiona Dow por justiça ambiental

Às vésperas do Fórum Social Mundial 2003, a exigência da ONG é de que a gigante transnacional mitigue a tragédia de Bhopal e limpe áreas contaminadas por suas atividades na América Latina

Ativistas do Greenpeace montaram hoje em frente à sede latino-americana da Dow Química, em São Paulo, um painel de quatro metros de altura por um metro de largura, construído com estruturas de andaime, com a mensagem "Bhopal - Crime Corporativo" nas laterais, além de estilizações do logo da empresa com uma caveira aplicada. Do outro lado do painel fotos da tragédia foram expostas pedindo que os funcionários da multinacional ajudem a fazer justiça em Bhopal e enviem uma mensagem ao diretor-executivo internacional da empresa. Os ativistas também entregaram uma carta à diretoria da multinacional para a América Latina (1) com as demandas da Campanha Internacional por Justiça em Bhopal, da qual o Greenpeace faz parte.

A tragédia da cidade indiana de Bhopal, reconhecida como o pior acidente industrial da história, começou na madrugada de 2

BHOPAL – A TRAGÉDIA



para 3 de dezembro de 1984, quando a indústria de fertilizantes de propriedade da Union Carbide (2) inundou a cidade com um coquetel de gases mortais lançados à atmosfera pela explosão de um tanque de metil-iso-cianato. A tragédia iniciada há 18 anos continua até hoje. O desastre já matou 20 mil pessoas e afetou a saúde de mais 150 mil. Compostos químicos tóxicos têm vazado das instalações para o solo e águas subterrâneas, dentro e no entorno da antiga fábrica, envenenando a população vizinha sobrevivente ao desastre. Dados oficiais do governo da Índia apontam cerca de 30 mortes todos os meses em consequência da tragédia. Filhos de sobreviventes nascem com problemas de saúde e cerca de 150 mil pessoas necessitam de atenção médica continuada.

A gigante Dow Química nega-se a descontaminar a área e a compensar os atingidos pelo acidente, mesmo sabendo que as centenas de toneladas de lixo tóxico espalhadas na antiga fábrica de pesticidas, hoje abandonada, continuam a envenenar lentamente a população vizinha que depende de água de poços para beber, cozinhar, banhar-se, etc. Um relatório do Greenpeace lançado na semana passada (3) apresenta mais evidências da contaminação química tóxica proveniente do lixo químico da fábrica. Cientistas da organização identificaram a presença de numerosos compostos venenosos no resíduo industrial, incluindo Sevin, o pesticida anteriormente manufaturado pela Union Carbide em Bhopal, e BHC, uma mistura de compostos químicos tóxicos, que podem causar danos ao sistema nervoso, ao fígado e aos rins, e que, durante a gestação, são passados para os fetos.

Bhopal é o mais terrível acidente industrial da história, mas infelizmente não o único. Relatórios produzidos pelo Greenpeace no Brasil (4) e no mundo (5) mostram que são muitos os casos de crimes corporativos. "Corporações como a Dow beneficiam-se do mercado global para o desenvolvimento de seus negócios, mas não são globalmente responsabilizadas pelas suas

BHOPAL – A TRAGÉDIA



operações; até que o sejam, crimes como este continuarão acontecendo e as pessoas e o meio ambiente seguirão pagando o preço da irresponsabilidade corporativa", disse John Butcher, da Campanha de Substâncias Tóxicas do Greenpeace Brasil.

A Campanha Internacional por Justiça em Bhopal demanda que a Dow aceite sua responsabilidade pelo passivo ambiental e humano em Bhopal, limpe o local, forneça água limpa aos habitantes e garanta tratamento médico de longo prazo e indenizações adequadas. O Greenpeace também trabalha para que seja criada uma legislação internacional que assegure que empresas como a Dow sejam responsabilizadas pela poluição e pelos acidentes que suas operações causem, onde quer que seja.

"A Dow não pode fugir das suas responsabilidades em Bhopal, no Brasil, ou qualquer outro local no mundo. Cidadãos do mundo todo irão se reunir em Porto Alegre na próxima semana contra o abuso corporativo. As corporações não podem comandar o mundo; elas devem servir aos interesses das comunidades", completou Butcher.

O Greenpeace promoverá duas exposições fotográficas sobre o crime corporativo de Bhopal, com fotos do renomado fotógrafo indiano Raghu Rai: durante o Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, e depois, em fevereiro, na cidade de São Paulo.

Notas:

(1) Confira a íntegra da carta enviada para a Dow pelo Greenpeace.

(2) A Dow Química comprou a Union Carbide em fevereiro de 2001. Apesar das claras evidências de que a Union Carbide havia cortado medidas de segurança em sua fábrica em Bhopal, a Dow continua afirmando que a Union Carbide "fez o que era

BHOPAL – A TRAGÉDIA



preciso fazer para implementar programas ambientais, de saúde e de segurança da maneira correta" em Bhopal.

(3) Clique aqui. para baixar o relatório.

(4) Confira o relatório "Crimes ambientais corporativos no Brasil", contendo 17 casos de contaminação química no Brasil.

(5) "Corporate Crimes - The need for an international instrument on corporate accountability and liability".

21-01-2003 - Genebra, Suíça

Resíduo tóxico de Bhopal é devolvido para a sede europeia da Dow Química

Dow fala em construir confiança enquanto milhares de pessoas são envenenadas cotidianamente pela empresa na Índia

Enquanto líderes empresariais e governamentais chegam a Davos para a reunião desta semana do Fórum Econômico Mundial, trinta ativistas do Greenpeace entregaram hoje na sede europeia da transnacional Dow Química, em Horgen na Suíça, dezoito barris de lixo industrial tóxico coletados em Bhopal, Índia. Ao mesmo tempo em que o lixo químico era devolvido, os ativistas tocavam tambores nos quais se lia uma mensagem constrangendo a gigante química a parar de envenenar os habitantes de Bhopal e a limpar a sujeira abandonada naquela cidade. A polícia impediu os ativistas de voarem um balão com a forma da Terra sobre a planta industrial.

"O comportamento da Dow, dizendo-se em busca de como "criar confiança" dentro do Fórum Econômico Mundial, ao mesmo tempo em que é cúmplice pela morte de milhares de vizinhos da maior tragédia industrial mundial é, no mínimo, doentio. Se corporações como a Dow querem mesmo gerar confiança num

BHOPAL – A TRAGÉDIA



mundo tão conturbado, devem aposentar seu estoque de palavras doces e passar a agir, parar de envenenar pessoas e aceitar a responsabilidade pela poluição e pelos desastres que causam”, disse Ganesh Nochur, do Greenpeace Índia, em nome dos manifestantes.

Os 300 kg de lixo tóxico entregues hoje à Dow são somente uma fração das centenas de toneladas abandonadas na planta industrial da empresa em Bhopal desde 1984. Naquele ano, a Union Carbide, que foi comprada pela Dow em 2001, inundou a cidade com um coquetel de gases tóxicos provenientes de uma explosão, que matou 8 mil pessoas nos três primeiros dias e afetou outras 500 mil. Até hoje, as mortes passam de 20 mil. Filhos de sobreviventes da tragédia nascem com problemas de saúde e cerca de 150 mil pessoas precisam de atenção médica constante.

Ninguém aceitou a responsabilidade pelo lixo tóxico ou limpou a área, de maneira que a contaminação atingiu o solo e o lençol freático e continua envenenando a vizinhança que depende de água de poços para sobreviver. A Dow continua se omitindo mesmo sabendo - através de documentos internos da ex-Union Carbide recentemente liberados pela justiça norte americana - que sua subsidiária conhecia em detalhes a extensão da contaminação e mentiu fragorosamente ao governo da Índia e à opinião pública dizendo que a área estava limpa(1).

O Greenpeace pesquisa os níveis de contaminação dentro e na vizinhança da planta de agrotóxicos da Dow-Carbide em Bhopal desde 1998. A mais nova bateria de análises (2) mostra a presença de um grande número de compostos tóxicos perigosos no resíduo lá abandonado, incluindo o pesticida Sevin e o organoclorado BHC, uma mistura de compostos químicos tóxicos que danam o sistema nervoso, o fígado e os rins e que pode ser passado de mãe para filho durante a gestação.

BHOPAL – A TRAGÉDIA



"Cada um dos dezoito barris de lixo tóxico que estamos devolvendo hoje à Dow representa um ano de envenenamento lento do povo de Bhopal. Continuaremos em todo o mundo a levar à empresa seu legado tóxico para ter certeza de que ela assuma a responsabilidade pelos seus passivos sócio-ambientais e, finalmente, coloque um fim à pior tragédia industrial de todos os tempos", finalizou Nochur (3).

O Greenpeace é membro da Campanha Internacional por Justiça em Bhopal (ICJB, na sigla em inglês), coalizão de sobreviventes, ONGs e indivíduos de todo o mundo que demanda que a Dow assuma suas responsabilidades sociais corporativas e que, particularmente em Bhopal, limpe a cena do desastre, forneça água potável, arque com os custos dos necessários tratamentos médicos de longo prazo e que compense financeiramente os afetados e suas famílias. A coalizão também luta pela construção de legislação internacional que assegure que transnacionais como a Dow sejam responsabilizadas pela poluição e acidentes operacionais em qualquer lugar que aconteçam (4).

(1) Apesar das inúmeras evidências de que foram os cortes de gastos com segurança operacional realizados pela Union Carbide os causadores da tragédia de dezembro de 1984, e apesar de documentos internos da empresa mostrarem que a UC conhecia desde há muito os terríveis níveis de contaminação da planta de Bhopal, a Dow continua a afirmar que sua subsidiária "fez o que precisava ser feito e implementou os programas corretos ambientais, de saúde e de segurança". Veja detalhes em www.greenpeace.org ou nos "Poison Papers" divulgados no site www.bhopal.net.

(2) Veja o novo relatório no endereço <http://archive.greenpeace.org/reports/bhopal.pdf>. Veja também documento com as diretrizes para a descontaminação de Bhopal no endereço <http://archive.greenpeace.org/reports/cleanup.pdf>.

BHOPAL - A TRAGÉDIA



(3) O Greenpeace também retornou lixo tóxico de Bhopal para a maior instalação da Dow na Europa localizada na Holanda no dia 7 de janeiro passado, e para uma instalação da Dow em Map Tha Phut, Tailândia, em 2 de dezembro de 2002. Também neste dia, o Greenpeace e sobreviventes da tragédia de Bhopal entregaram solo e água contaminada de Bhopal ao escritório central da empresa na Índia, na cidade de Bombaim. Depois desta manifestação, a Dow entrou com um processo na justiça daquele país contra os sobreviventes do desastre e está tentando conseguir multá-los judicialmente em 500 mil Rúpias, o equivalente a US\$10 mil.

(4) Veja no relatório "Corporate Crimes" (www.greenpeace.org) os dez "Princípios de Bhopal" sobre responsabilidade social corporativa, lançados na Rio+10 em agosto passado, quando governantes mundiais concordaram com a necessidade de um instrumento global de controle da responsabilidade corporativa.

03-12-2003 - Nova Déli (Índia)

Greenpeace participa do dia global de ações contra crimes corporativos, no 19º aniversário do desastre de Bhopal

Em vários países, houve protetos em apoio às vítimas do acidente; população da cidade até hoje sofre as consequências do vazamento de gás

No 19º aniversário do vazamento de gás em Bhopal (Índia), pior desastre industrial da História, o Greenpeace e a Campanha Internacional por Justiça em Bhopal (ICJB, em inglês) fizeram um dia de ações globais contra os crimes corporativos. Protestos em 16 países foram realizados em apoio às milhares de pessoas na cidade que ainda sofrem as consequências do desastre, exigindo leis internacionais que protejam a todos contra os crimes das grandes empresas (1).

BHOPAL – A TRAGÉDIA



Em Bombaim, mais de 60 estudantes, voluntários e ativistas se deitaram na calçada no centro da cidade para representar o horror de Bhopal, cujas ruas foram tomadas por oito mil corpos nos dias que se seguiram ao vazamento dos gases letais da fábrica de pesticidas da Dow-Carbide. Enquanto o corpo dos manifestantes era contornado por traços de giz, ativistas seguraram cartazes que levavam as mensagens "Lembre-se de Bhopal" e "Dow - você tem o sangue de Bhopal em suas mãos".

"Esse protesto é para lembrar ao mundo que a tragédia de Bhopal está longe de acabar", disse a cientista do Greenpeace, Ruth Stringer. "A fábrica de pesticidas abandonada contém estoques de produtos químicos perigosos. Solventes que se espalharam pelo solo, acabaram contaminando o lençol freático. Muitos habitantes utilizam a água contaminada para cozinhar e beber. Até que o local seja limpo, a saúde do povo de Bhopal seguirá sob risco", afirmou (2).

Em Copenhague, ativistas do Greenpeace também contornaram os "corpos" espalhados pelo chão com giz, em frente ao escritório da Dow. Ao mesmo tempo, outros ativistas protestavam em frente à Embaixada Americana na capital dinamarquesa, pedindo pela indicição do ex-diretor da Union Carbide Warren Anderson, que atualmente está foragido nos EUA e é procurado pela Interpol. Ativistas suíços entregaram uma réplica de uma estátua que fica na parte externa do escritório da Dow em Bhopal, à sede da empresa europeia em Horgen.

Atualmente, pelo menos 150 mil pessoas, incluindo crianças nascidas de pais atingidos pelo vazamento de gás, sofrem de problemas de saúde decorrentes do acidente. Um estudo científico recente, publicado pelo Journal of American Medical Association, constatou um retardo no tempo de nascimento de garotos (3). Desde 1984, o número de mortos aumentou para mais de 20 mil, e no mínimo 30 pessoas morrem de doenças

BHOPAL – A TRAGÉDIA



relacionadas à exposição ao gás tóxico todo mês. A Dow Chemical, que comprou a Union Carbide em 2001, recusa-se a aceitar a responsabilidade pela catástrofe, a recompensar completamente as vítimas ou a limpar o local da indústria, que ainda está contaminado com produtos químicos perigosos.

O Greenpeace convidou pessoas em todo o mundo a apoiarem os sobreviventes do acidente de Bhopal. Visitando o site da organização na internet, todos podem enviar garrafas com água contaminada de Bhopal. E aqueles que mais acessarem o link, terão garrafas com seu nome enviadas diretamente para os escritórios da Dow em todo o mundo, com um pedido de que Bhopal seja limpa (4).

"No início do 20º ano lutando por justiça, nós agradecemos a nossos colaboradores em todo o mundo pelo reconhecimento do desastre e de suas consequências ambientais, sociais e para a saúde humana, causadas pela recusa do governo indiano e da poluidora Dow-Carbide em assumir as responsabilidades pendentes em Bhopal. Nós estamos confiantes de que o próximo ano será um momento crucial para que a Dow Chemical e o governo indiano assumam suas responsabilidades no caso", disse Rashida Bee, uma sobrevivente do desastre que integra a Campanha Internacional por Justiça em Bhopal.

(1) O Greenpeace faz parte da Campanha Internacional por Justiça em Bhopal (ICJB - International Campaign for Justice in Bhopal).

A campanha exige que a Dow Química:

- assuma o legado deixado pela Union Carbide, uma vez que adquiriu a empresa em 2001, e responda pela responsabilidade criminal do acidente no caso pendente na Corte do Distrito de Bhopal;
- providencie tratamento médico a longo prazo, monitorando e examinando os sobreviventes do acidente e suas futuras gerações;

BHOPAL – A TRAGÉDIA



- providencie uma ampla reparação dos danos ambientais, tanto dentro como ao redor da fábrica, inclusive do lençol freático contaminado;
- garanta imediatamente o fornecimento de água potável para as comunidades afetadas;
- providencie oportunidades para que os sobreviventes garantam seu sustento.

A ICJB também exige que Warren Anderson, ex-presidente da Union Carbide, responda ao processo judicial na Índia.

(2) Cientistas do Greenpeace têm examinado o solo e a água do lençol freático na área e nos arredores da fábrica em Bhopal. Confira os resultados e os relatórios completos no [hotsite](#) sobre o caso de Bhopal.

(3) A edição de outubro de 2003 do "The Journal for the American Medical Association" pode ser vista em www.bhopal.org/jama.pdf

(4) Participe da cibercaça e envie água contaminada de Bhopal para a Dow em www.greenpeace.org/bhopalwater

23-06-2004 - Nova Delhi, Índia

EUA podem processar Dow Química por pior desastre químico da história

População da Índia exige que a empresa limpe a área contaminada durante o acidente em Bhopal, que resultou na morte de 8 mil pessoas

O governo indiano finalmente concordou em permitir que a Justiça dos Estados Unidos processe a empresa norte-americana de agrotóxicos Dow Química, exigindo que ela limpe a área contaminada pelo desastre de Bhopal, na Índia. A greve de fome de três ativistas associada ao intenso lobby do

BHOPAL – A TRAGÉDIA



Greenpeace, de grupos locais e de milhares de ciberativistas ajudaram a alterar o cenário político indiano.

“Esta declaração aponta para que seja cumprida uma ordem histórica dirigida à Union Carbide (que atualmente pertence à Dow Química) para eliminar a contaminação tóxica dentro e ao redor da área em Bhopal”, disse Satinath Sarangi, um dos ativistas locais que fizeram greve de fome. A Dow Química, que comprou a Union Carbide em 2001, recusa-se a aceitar a responsabilidade pela catástrofe, a recompensar completamente as vítimas ou a limpar o local da indústria, que ainda está contaminado com produtos químicos perigosos. “A determinação não irá apenas defender os princípios de indenização financeira por danos ambientais, mas poderá exigir que as empresas multinacionais se responsabilizem por suas ações fora do seu país de origem”, complementa.

“Nós esperamos que o primeiro-ministro que interveio a nosso favor nesta luta mostre a mesma sensibilidade para lidar com os assuntos pendentes em Bhopal e faça com que a nova dona da Union Carbide, a Dow Química, se responsabilize pelas pendências do acidente em Bhopal”, disse Rasheeda Bi, vencedora do Goldman Environmental Prize 2004 (prêmio internacional para os melhores ambientalistas do ano). Rasheeda também foi uma das ativistas que entrou em greve de fome desde 18 de junho juntamente com Shahid Noor, que ficou órfão devido ao vazamento de gás em 1984.

O pior desastre químico da história

Na madrugada de 2 de dezembro de 1984, 40 toneladas de gases letais vazaram da fábrica de agrotóxicos da Union Carbide Corporation. Este foi o maior desastre químico da história. Gases tóxicos como o isocianato de metila e o hidrocianeto escaparam de um tanque da empresa durante operações de rotina. Os precários dispositivos de segurança que deveriam

BHOPAL – A TRAGÉDIA



evitar desastres como esse apresentavam problemas ou estavam desligados.

Estima-se que três dias após o desastre 8 mil pessoas morreram devido à exposição direta aos gases. A Union Carbide negou-se a fornecer informações detalhadas sobre a natureza dos produtos, e, como consequência, os médicos não tiveram condições de tratar adequadamente os indivíduos expostos. Até hoje os sobreviventes do desastre e as agências de saúde da Índia ainda não conseguiram obter da Union Carbide e da Dow Química informações sobre a composição dos gases que vazaram e seus efeitos sobre a saúde humana.

A empresa abandonou a área após o acidente sem se responsabilizar pelas mortes. Além disso, deixou para trás uma grande quantidade de produtos químicos tóxicos perigosos. Hoje, mais de 150 mil sobreviventes com doenças crônicas ainda necessitam de cuidados médicos e uma segunda geração de crianças continua a sofrer os efeitos da herança tóxica deixada pela indústria.

Fonte: Greenpeace (www.greenpeace.org.br)

Bhopal

Na madrugada de 03/12/1984, uma nuvem tóxica de isocianato de metila causou a morte de milhares de pessoas na cidade de Bhopal, a capital de Madhya-Pradesh, na Índia central. A emissão foi causada por uma planta do complexo industrial da Union Carbide situada nos arredores da cidade, onde existiam vários bairros marginais.

O isocianato de metila é um produto utilizado na síntese de produtos inseticidas, comercialmente conhecidos como “Sevin” e “Temik”, da família dos carbamatos, utilizados como substitutos de praguicidas organoclorados, como o DDT.

BHOPAL – A TRAGÉDIA



Em condições normais, o isocianato de metila é líquido à temperatura de 0° C e pressão de 2,4 bar. Na noite do acidente, a pressão dos tanques de armazenamento se elevou mais de 14 bar e a temperatura dos reservatórios se aproximou de 200° C. A causa provável do aumento da pressão e da temperatura foi atribuída à entrada de água num dos tanques causando uma reação altamente exotérmica.

Os vapores emitidos deveriam ter sido neutralizados em torres de depuração; porém, como uma destas torres se encontrava desativada, o sistema não funcionou possibilitando assim a liberação do produto para a atmosfera.

Estima-se que ocorreram por volta de 4.000 mortes e cerca de 200.000 pessoas intoxicadas, caracterizando assim a maior catástrofe da indústria química.

Fonte: Cetesb (www.cetesb.sp.gov.br)

Ministério promove eventos em memória às vítimas de Bhopal

Brasília, 2/12/04 - Amanhã, dia 3, completa 20 anos de um dos maiores acidentes químicos na história, que atingiu mais de 500 mil pessoas em Bhopal, na Índia. Para lembrar os efeitos dessa tragédia e debater os grandes desafios da prevenção de grandes acidentes industriais, o Ministério do Trabalho e Emprego promove amanhã, a partir das 9h, seminários simultâneos em Brasília, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo.

Serão analisados os impactos do acidentes e debatida a Convenção 174 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), com orientações sobre grandes acidentes e já ratificada pelo Brasil. Em seguida, será aberto um debate sobre ações de governo, empresários, trabalhadores e sociedade organizada para prevenir tragédias semelhantes à ocorrida na Índia.

BHOPAL – A TRAGÉDIA



Informações e inscrições na página da internet da Fundação Jorge Duprat Figueiredo de Segurança e Medicina no Trabalho (www.fundacentro.gov.br). Em Brasília, o seminário acontecerá no auditório do MTE; no Rio de Janeiro, no Hotel Guanabara; e em São Paulo, Porto Alegre e Salvador, nas sedes locais da Fundacentro.

Bhopal - Na madrugada de 3 de dezembro de 1984, uma nuvem de metil-isocianato, originada da fábrica da Union Carbide Corporation, em Bhopal, espalhou-se pelas áreas residenciais vizinhas à instalação, atingindo cerca de 500 mil pessoas. O número exato de mortes, estimado entre 4 mil e 8 mil, nunca será conhecido. Estima-se que mais de 30 mil pessoas, logo após o acidente e nos anos subsequentes, sofreram seqüelas graves, muitas delas irreversíveis, como distúrbios respiratórios, lesões oculares, câncer.

Na região da fábrica ainda hoje se verifica ampla poluição da água e do solo. O acidente teve repercussão mundial e alterou para sempre a maneira de tratar a segurança das instalações químicas.

Fonte: (www.mte.gov.br)

Entrevista: “A Índia que luta é o país que tolera”

O físico Vinot Raina, seguidor de Paulo Freire e uma das principais figuras que contribuiu para levar o FSM para a Índia, conta o que são os movimentos sociais na segunda nação mais populosa do planeta, e como uma nova cultura política, que valoriza a diversidade, permitiu organizarem o encontro

Antonio Martins, Daniel Merli, Moema Miranda e Rita Freire, repórteres do Planeta Porto Alegre

BHOPAL – A TRAGÉDIA



Mumbai - Físico de formação, educador por natureza, Vinod Raina é uma espécie de Paulo Freire indiano – com menor repercussão internacional, mas mais influência direta entre os movimentos sociais e os partidos progressistas. Desde a Independência, a esquerda é, na Índia, uma força política relevante porém fragmentada. Seu espaço foi tradicionalmente dividido entre nacionalistas, gandianos e marxistas, que por sua vez formaram três partidos principais e quase uma dezena de outros menores. Cada um deles mantém sua própria estrutura sindical, suas organizações de jovens e de mulheres. Somam-se a essas diferenças as de idioma, religião, geografia e condição social.

Esta lógica de luta interna começou a mudar a partir dos anos 90. Contribuíram para isso a emergência de movimentos novos, mas também a visão e capacidade de diálogo de figuras como Vinod. Há muito ele insiste na idéia de que, para transformar a Índia, a esquerda precisa voltar os olhos para a vida e a cultura do povo – ao invés de se limitar a suas visões de mundo particulares. A vitória destas idéias é o segredo que permitiu realizar o 4o Fórum Social Mundial num dos países mais materialmente empobrecidos do mundo.

A referência a Paulo Freire não é gratuita. Foi nele que Vinod inspirou-se para inverter o rumo de sua própria vida na metade dos anos 60. Como muitos jovens intelectuais de classe média, ele deixou seu emprego nesta época e se embrenhou pelas regiões mais miseráveis da Índia para fincar raízes junto ao povo. Vinha do maoísmo, o que explica a aproximação com os pobres. Construiu aos poucos um movimento pelo acesso popular à educação, ao saber e à participação política que reúne, hoje, 300 mil voluntários.

Criador do Movimento do Saber Popular ("Peoples' Science Movement"), Vinod percorre há vinte anos vilas e zonas rurais indianas, especialmente na região do Bhopal, onde viveu. É

BHOPAL – A TRAGÉDIA



reconhecido como um entusiasta das novas idéias, e um cultivador do diálogo entre culturas políticas que se unem no desejo de construir uma nova sociedade.

Ativista das organizações que lutam pelos direitos das vítimas do vazamento de gás em Bhopal, em 82 (uma tragédia que fez mais de 4 mil mortes em uma só noite), participa também de movimentos regionais e organizações continentais, como o Jubileu Sul e o Asian Regional Exchange for New Alternatives. Integra o Comitê Organizador do 4o Fórum Social Mundial. Para sua peregrinação, aprendeu o hindi, língua falada por boa da população – mas não muito praticada pelos círculos de elite dos grandes centros, que preferem o inglês.

Habitou-se a conviver com movimentos diversos e com problemas desconhecidos no Ocidente. Nenhum está chamando tanto a atenção dos visitantes que chegam a Mumbai quanto a batalha por dignidade travada pelos dalits, os párias de uma sociedade de castas, a quem praticamente tudo é negado.

Em 2002 e 2003, Vinod esteve no Brasil, nos Fóruns realizados em em Porto Alegre. Percebeu que a Índia tinha muito a aproveitar e a oferecer, na troca mundial de experiências, idéias e alternativas que o fórum representa. “O resultado de nosso amadurecimento é que estamos aqui”, diz ele. Três décadas nesta militância rara fizeram de Vinod provavelmente o maior conhecedor dos movimentos sociais da Índia – tema sobre o qual falou a Planeta Porto Alegre.

PPP - O que significa, para os movimentos sociais indianos, a realização do Fórum Social em Mumbai?

Raina - Uma oportunidade extraordinária de renovação, abertura para experiências novas do resto do mundo e unidade. A própria realização do Fórum foi um enorme desafio para os indianos, até agora enfrentado com sucesso. Muitos duvidaram

BHOPAL – A TRAGÉDIA



que fôssemos capazes de organizá-lo, de manter a diversidade e a capacidade de incluir. Apontavam para a tradicional divisão que marca a esquerda indiana, onde há marxistas, gandianos, movimentos de mulheres, dalits, socialistas, ambientalistas, o novo e o tradicional. Aqui os conflitos eclodem muitas vezes entre partidários de uma mesma ideologia. Felizmente, o próprio espírito do Fórum ajudou a resolver o problema. O Comitê Organizador indiano uniu quase 200 movimentos sociais e Organizações não Governamentais, de diversas ideologias, empenhados no sucesso do encontro. Isso é inédito, ainda mais quando lembramos que o Comitê Organizador brasileiro reúne apenas oito organizações.

PPA - Você é o criador de um movimento social raro, ligado à formação cultural e política e de certa forma precursor desta unidade.

Raina - Trata-se do People's Science Movement. Ele é único na Índia e talvez seja difícil encontrar algo similar em outro país. Consiste num enorme número de profissionais da ciência – 300 mil engenheiros, médicos, professores, entre outros profissionais – que se articulam com comunidades e em muitos casos com os Panchayats (governos locais). O movimento combina reconstrução e luta, e atua em temas como alfabetização, saúde, agricultura, energia, questões relacionadas à água e aos governos locais. Usa vários meios de resistência ao neoliberalismo. Sempre que possível, colabora com governos, mas também se confronta com eles quando necessário. Tem um perfil claro de esquerda, mas agrega a isso a capacidade de inclusão. Incorpora pessoas de muitas origens, da esquerda até o centro, e desenvolve um esforço intelectual para sintetizar o pensamento marxista e o gandiano. Em particular, acumulou experiência no planejamento de ações no plano local em colaboração com os Panchyats, como forma de resistência ao paradigma neoliberal.

BHOPAL - A TRAGÉDIA



PPA - Quais as principais raízes dos movimentos sociais indianos?

Raina - A primeira é a luta histórica pela independência. Em nenhum lugar isto é tão importante quanto na Índia. O movimento foi fortemente influenciado pela liderança de Mahatma Gandhi. Reuniu um número imenso de pessoas, em particular entre 1910 e 1947. Criou uma nação de 100 milhões de pessoas naquele ano e de mais de 1 bilhão hoje. Além de suas características principais de não-violência e luta baseada na verdade – satyagraha – penetrou em áreas com o método de governo, descentralização, ética e moralidade da política, educação, desenvolvimento rural e nacional, política de castas e muito mais.

Após a independência e o assassinado de Gandhi por um fanático religioso hindu, em 1948, seu pensamento espalhou-se por um grande número de movimentos e sociedades civis indianos que continuam até hoje. A persistência deste pensamento também pode ser atestada em movimentos que não são herdeiros diretos do gandianismo, como os ambientalistas, adivasi (povos indígenas) e governos locais. Ele permanece popular entre grupos e movimentos que lutam para estabelecer uma relação mais ética e harmônica entre os seres humanos e a natureza.

PPA - Em que organizações se materializa a herança gandiana?

Raina - A principal organização que canalizou as massas populares indianas em favor da independência foi o Partido do Congresso. Foi por meio dele que Gandhi consolidou o movimento pela independência. Também era claro que, no momento em que a independência foi conquistada, o Partido do Congresso afastou-se das noções de poder, governo e desenvolvimento de Gandhi. Embora mantivesse respeito por seu mestre, Nehru - o primeiro presidente, cuja marca foi a

BHOPAL – A TRAGÉDIA



modernização - diferia fortemente de sua ideologia. Ele, e a maioria dos elementos “progressistas” no Partido do Congresso, eram favoráveis de um processo de modernização de estilo soviético, combinada com um viés secular e socialista. A visão de Gandhi passou a ser vista como utópica até mesmo em sua própria organização. Além disso, seus esforços por reconciliação entre os nacionalistas hindus e os muçulmanos que reclamavam uma nação própria não foram bem sucedidos.

Gandhi e seu pensamento sofreram, e continuam a sofrer, oposição de um setor da sociedade, os dalits. Eles crêem que a preocupação de Gandhi pelos intocáveis era baseada em compaixão de casta e não em reconhecimento de seus direitos sociais, políticos e econômicos. A esquerda foi majoritariamente fria e crítica a Gandhi, porque ele não se expressava explicitamente em termos de classe – e, pior, preferia, como resistência, a ação pacífica, satyagrahat.

PPA - Qual o perfil das forças de esquerda no país?

Raina - A esquerda foi e continua a ser uma força política expressiva no país, ainda que nunca tenha sido dominante. Após a independência, o Partido Comunista da Índia passou a se dividir. São três partidos principais hoje – o PCI, o PCI (marxista) e o PCI (marxista-leninista), este último de tendência maoísta. Formado em 1967, em consonância com as revoltas universitárias no final dos anos 60, tinha um programa que defendia abertamente a violência como um método de tomada do poder de Estado. Atraiu o entusiasmo de amplas faixas de intelectuais, acadêmicos e estudantes, naquela época. Estimulou-os a atuar em áreas remotas do país. O PCI e o PCI (marxista), por outro lado, mantiveram participação nos processos eleitorais. O PCI (marxista) teve mais sucesso, nos Estados centrais.

BHOPAL – A TRAGÉDIA



O Partido do Congresso permaneceu ligado fortemente às castas superiores, com uma posição de centro que em alguns momentos teve viés de esquerda, como na nacionalização dos bancos. Em contradição, foi esse partido que iniciou, em 1990, as políticas neoliberais na Índia.

PPA - Quem representa a direita?

Raina - Os nacionalistas hindus tinham pequena presença na política estatal, mas eram fortes entre a sociedade civil, principalmente por meio de seu "movimento social", o RSS. As castas baixas e os dalits distanciaram-se gradualmente do Partido do Congresso, organizando seus próprios partidos, como o Partido Bahujan Samaj, o Partido Samajvadi e elementos do Janta Dal. Tiveram sucesso eleitoral em Estados como Bihar, Uttar Pradesh e Haryana, e passaram a influenciar a política nacional. Os nacionalistas hindus, por meio de uma série de atos que espalharam tensões entre etnias e a hostilidade contra o Paquistão, abriram caminho para chegada de seu partido – o Bharatiya Janata Party (BJP) – ao poder. E é neste sistema complexo de tendências religiosas, castas e etnicidades que atuam os movimentos sociais.

PPA – Qual o perfil destes movimentos?

Raina - Os mais facilmente identificáveis são os que estão diretamente ligados a partidos políticos. Cada um dos três Partidos Comunistas mantém uma central sindical, uma organização de estudantes e jovens e um movimento de mulheres. Esta tradição espalhou-se, aliás, para todos os partidos, inclusive aqueles que atuam principalmente visando o poder de Estado.

Ao lado dos movimentos "tradicionais", há outros, "novos" e "independentes", que tendem a se distanciar das ligações diretas com partidos, para inovar em termos de estruturas

BHOPAL - A TRAGÉDIA



organizativas, papéis de liderança e proximidade com os oprimidos nas regiões mais remotas. O movimento ambientalista aparece facilmente como um exemplo.

PPA - É o caso dos “abraçadores de árvores”?

Raina - Este movimento é pouco compreendido no Ocidente. Chama-se Chipko Andolan, o que significa, ao pé da letra, “movimento dos abraçadores de árvores”. Surgiu com um incidente numa cidade remota do Himalaia, em 1972. O estopim foi uma disputa entre os habitantes e uma empresa que havia sido autorizada pelo governo a derrubar árvores em uma floresta próxima. Revoltadas, as mulheres do lugar dirigiram-se à floresta e abraçaram as árvores. Os fatos se espalharam imediatamente e forçaram o governo a negociar com a comunidade. As mulheres passaram a se articular em comitês e a defender temas como desenvolvimento sustentável. Apesar de eventuais altos e baixos, o movimento segue, e inspirou muita gente na Índia e no mundo.

O que não se compreende muitas vezes é que estas mulheres não eram, nem são, naturebas radicais. O que elas defendiam era seu “direito de uso” à floresta. Queriam usar as árvores, sustentadamente, como fonte de lenha, e as folhas em seus cobertores. Ao contrário da empresa, interessada em devastar para obter e vender madeira.

A experiência desencadeou movimentos ambientalistas semelhantes, como o Narmada Bachao Andolan (Movimento pela Defesa de Narmada, MDN), que se opõe à construção de uma represa devastadora. O sucesso do MDN em forçar o Banco Mundial a desistir de seu financiamento à represa de Narmada deu repercussão internacional ao movimento.

PPA - O que é o movimento dos dalits?

BHOPAL - A TRAGÉDIA



Raina - O sistema de castas é uma herança histórica ligada ao hinduísmo, e ainda dominante nas sociedades do Sul da Ásia e presente mesmo no Japão (o Burako). Seu sistema baseia-se em quatro varnas (grupos): Brahmin (a elite, cultivada e proprietária de terras), Kshatriya (guerreiros), Vaishya (comerciantes) e Shudra (mais baixa), nessa ordem hierárquica. E inferioriza, acima de tudo, os intocáveis, conhecidos como dalits. Um dos problemas da esquerda na Índia foi a incapacidade de incluir as castas em sua agenda política. De todas as outras tradições, inclusive a gandiana, houve sempre, no máximo, compaixão em relação a eles – mas nunca defesa política de seus direitos.

Os movimentos sociais e culturais dalits permanecem robustos e ativos. Como na Conferência Internacional sobre o Racismo em Durban, há alguns anos, quando reivindicaram a inclusão de seus direitos no temário. São um setor muito importante no Fórum Social Mundial em Mumbai.

PPA - Quais os principais movimentos de resistência ao neoliberalismo?

Raina - Como quase todos os partidos implementaram políticas de privatização, o conflito entre governo, pobres e marginalizados ampliou-se claramente. As causas são o fechamento de milhares de indústrias tradicionais, as políticas que atingem a agricultura familiar e os trabalhadores.

A Índia tem aproximadamente 300 milhões de trabalhadores, dos quais apenas 30 milhões organizados. Uma ampla parcela de trabalhadores não-sindicalizados é composta de dalits, mulheres e adivasis. Por isso, a maior parte destes se expressa por meio dos movimentos sociais aos quais são ligados. Nos últimos quinze anos, tais movimentos envolvem-se cada vez mais em campanhas de combate às políticas neoliberais – ainda que a imprensa não lhes dê destaque.

BHOPAL – A TRAGÉDIA



A herança do gandianismo produziu uma multiplicidade de redes de voluntários, particularmente no período imediatamente posterior aos levantes maoístas do início dos anos 70. No começo da década seguinte, o governo central reconheceu sua importância e passou a lhes destinar fundos estatais. Este setor, que também consegue obter recursos de agências internacionais, desenvolveu-se com grande rapidez. Estima-se que haja mais de 200 mil Ongs na Índia.

Algumas destas Ongs foram, porém, refratárias a um dos principais avanços institucionais recentes da Índia: o advento dos governos locais, os Panchayats. Eles transformaram-se em centros democráticos de poder, e exercem um papel que tais Ongs viam como reservado para si. Há casos mais animadores, de colaboração entre as duas partes.

PPA - O que representa o Mumbai Resistance, que muitos chamam de um "FSM paralelo" em Mumbai?

Raina - O Fórum Social Mundial não pode agradar a todos. Alguns grupos da Índia e das Filipinas, que crêem na violência como método político, ou não toleram o fato de que movimentos recebam financiamento estatal ou de agências, decidiram organizar o chamado Mumbai Resistance 2004. O Fórum Social Mundial jamais pretendeu ser o espaço exclusivo de expressão de resistências ou alternativas. Nunca houve, na história política da Índia, uma articulação tão ampla quanto ele. É um indicador de que os movimentos estão começando a entender o valor da construção comum, sem e preocupação do controle político dos processos. Se tal atitude persistir após o FSM, poderemos dizer que ele terá tido um impacto duradouro nos movimentos sociais indianos. É nisso que temos esperança.

Fonte: Agência Brasil (www.radiobras.gov.br)